

I

A Porta da Cadeia

Um grupo de homens barbados, de fatos de cor triste e chapéus cinzentos em chaminé, misturados com mulheres, algumas de coifa, outras em cabelo, estava reunido em frente de um edifício de madeira, cuja porta, de carvalho reforçado, era coberta de pontas de ferro.

Os fundadores de uma nova colónia, qualquer que fosse a Utopia de virtude e felicidade humanas que sonhassem fazer dela, acabaram sempre por reconhecer como uma das primeiras necessidades práticas o destinar um talhão do solo virgem para um cemitério, e outro talhão para o sítio de uma cadeia. De acordo com esta regra, pode seguramente presumir-se que os fundadores de Boston construíram a primeira cadeia algures na vizinhança de Cornhill, com a mesma propriedade com que delimitaram o primeiro cemitério, no talhão de Isaac Johnson, e em torno da sua sepultura, que subsequentemente se tornou o núcleo de todos os túmulos congregados no velho cemitério de King's Chapel. Certo é que, uns quinze a vinte anos depois da fundação da cidade, a cadeia de madeira estava já cheia de manchas do tempo e de outras indicações de idade, que davam um aspecto ainda mais sombrio à sua fachada carrancuda e triste. A ferrugem nas ferragens pesadas da sua porta de carvalho parecia mais antiga que qualquer outra coisa no Novo Mundo. Como tudo que pertence ao crime, parecia nunca ter conhecido a juventude. Em frente deste feio edifício, e entre ele e o centro da rua, estava um espaço coberto de erva, de ervas ruins, daninhas e desagradáveis à vista, que evidentemente tinham achado qualquer coisa de seu no solo que tão cedo tinha produzido a flor negra de

uma sociedade civilizada, uma cadeia. Mas de um lado da entrada, e enraizada quase no limiar, havia uma roseira brava, coberta, neste mês de Junho, de suas flores delicadas, que pareciam oferecer a sua fragrância e beleza frágil ao preso que entrava, e ao criminoso condenado quando saía para a morte, como a provar-lhes que o coração profundo da Natureza sabia ainda sorrir-lhes e ter por eles compaixão.

Esta roseira, por um acaso estranho, vive ainda na história; mas se tinha apenas sobrevivido, do antigo deserto triste, tanto tempo depois da queda dos pinheiros e carvalhos gigantesco que primitivamente a cobriam com suas sombras, ou se, como há boa autoridade para crer, nasceu sob os pés da santa Ann Hutchinson quando entrou as portas da cadeia, não o iremos nós determinar. Encontrando-a tão directamente no limiar da nossa narrativa, que vai agora surgir daquele portal tão pouco auspicioso, não podemos senão colher uma das suas rosas, e oferecê-la ao leitor. Poderá servir, esperemo-lo, para simbolizar qualquer suave flor moral que possa ser encontrada pelo caminho, ou alivie o fecho sombrio de um conto de fraqueza e de dor humanas.

II

A Praça do Mercado

O espaço em frente da cadeia, na travessa do mesmo nome, estava ocupado, em certa manhã de Verão, há não menos de duzentos anos, por um número razoavelmente grande de habitantes de Boston, todos eles com os olhos fitos na porta ferrada de carvalho. Entre qualquer outra população, ou em qualquer período posterior na história da Nova Inglaterra, a rigidez austera que petrificava os rostos barbados desta boa gente anunciaria que se tratava de qualquer assunto terrível. O menos que indicaria seria a antecipação da morte de qualquer criminoso célebre, a quem a sentença de um tribunal legítimo não tinha senão confirmado a da opinião pública. Mas, naquela primitiva severidade do carácter puritano, uma conclusão desta ordem não podia ser tirada com segurança. Podia tratar-se de um servo mandrião, ou de uma criança desobediente, que os pais tivessem entregado às autoridades civis, para ser fustigada no pelourinho. Podia ser que um Antinomiano, um Quaker, ou qualquer outro membro de uma seita heterodoxa, estivesse para ser corrido às vergastadas para fora da cidade, ou que um índio vadio e vagabundo, que a aguardente do branco tivesse tornado turbulento, estivesse para ser devolvido pelo mesmo processo ao seio e à sombra das florestas. Podia ser, também, que uma bruxa, como a velha senhora Hibbins, a viúva azeda do juiz, estivesse a sair para o cadafalso. Em qualquer dos casos, haveria mais ou menos a mesma solenidade de atitude da parte dos espectadores, como era natural num povo em que a religião e a lei eram quase idênticas, e em cuja índole as duas a tal ponto se misturavam que os actos maiores e menores da disci-

plina pública assumiam o mesmo grau de respeito e de severidade. Fraca, na verdade, e fria, era a compaixão que um condenado podia esperar, no cadafalso, da parte destes assistentes. Mas também uma pena que, em nossos dias, traria apenas um certo grau de infâmia e de ridículo, podia então assumir uma dignidade quase tão austera como a própria condenação à morte.

Era uma circunstância notável na manhã de Verão em que a nossa história começa, que as mulheres, de que havia bastantes no grupo, pareciam aguardar com especial interesse a execução da sentença, qualquer que fosse, de que ali se estava à espera. A época não tinha tanto apuramento de sensibilidade, que qualquer sentimento de impropriedade inibisse o elemento feminino de sair para as ruas e intrometer as suas figuras não muito vaporosas, se preciso fosse, na multidão que se apinhava em torno de um cadafalso. Moral, como materialmente, havia uma fibra mais grosseira naquelas donas e donzelas de raça e educação inglesas que nas suas mais gentis descendentes, separadas delas por uma série de seis ou sete gerações; pois que, por essa cadeia de gerações fora, cada mãe sucessiva tinha transmitido à sua filha uma cor mais branda, uma beleza mais delicada e passageira, e um corpo mais débil, se não um carácter de menos força e solidez que o seu próprio. As mulheres, que agora se juntavam perto da porta da cadeia, estavam a menos de meio século de distância do período em que a varonil rainha Isabel fora a representante, não de todo descabida, do seu sexo. Eram estas compatriotas dela, e a carne e a cerveja, com uma dieta moral não mais delicada, figuravam bastante na sua composição. O sol claro da manhã brilhava, pois, sobre ombros largos, e bustos fortes, e bochechas cheias e coradas, que haviam nascido e crescido na ilha longínqua, e ainda não tinham descorado ou emagrecido na atmosfera da Nova Inglaterra. Havia, também, uma liberdade e decisão de fala entre estas donas, que pareciam sê-lo a maioria delas, que hoje nos causaria pasmo, quer pelo conteúdo quer pelo próprio som da voz.

«Comadres», disse uma dama cinquentona de aspecto austero, «dir-vos-ei o que penso. Fora bom para a causa de todos que nós mulheres, sendo de idade madura e de religião e bom porte, tivéramos que julgar as malfeitoras como esta Hester Prynne. Que pensais vós? Se a malvada fora julgada por nós cinco, que aqui estamos

juntas, tivera ela pena tão branda como esta que os bons juízes lhes deram? Quem o acredita?»

«Dizem», disse outra, «que o Reverendo Mestre Dimmesdale, o seu bom pastor, tem pensado muito que tal escândalo caísse sobre a sua congregação.»

«Os juízes são homens tementes a Deus, mas de demasiada misericórdia», acrescentou uma terceira matrona de aspecto outonal também. «Deviam, pelo menos, ter posto uma marca a fogo na testa de Hester Prynne. Madama Hester sentiria isso, eu vos asseguro. Mas ela — a malvada —, que mal lhe fará o que quer que lhe ponham no corpete do vestido! Vede bem, poderá até cobri-lo com uma jóia, ou outro adorno pagão, e assim passear nas ruas como dantes.»

«Ah, mas», interpôs, mais brandamente, uma dona jovem, que trazia um filho pela mão, «por mais que ela cubra o sinal, a dor dele é que estará sempre no seu coração.»

«Para que falamos nós de marcas e de sinais, quer no corpete do vestido, quer na carne da testa?», exclamou outra mulher, a mais feia e a mais impiedosa de todos estes juízes improvisados. «Esta mulher trouxe a vergonha a nós todas, e devera morrer. Então não há lei para tal? Por certo que a há, tanto nas Escrituras como nos códigos. Então os juízes que a puseram de parte, que dêem graças a si mesmos se as mulheres e as filhas lhes escorregarem!»

«Misericórdia, comadre!», gritou um homem que estava perto. «Então não há virtude em mulher, senão a que nasce do medo do cadafalso? Essa é a palavra mais dura que ainda aqui se disse! Cale agora, que estão dando volta à chave, e aqui vem a senhora Prynne em pessoa.»

Aberta de dentro a porta da cadeia, apareceu, em primeiro lugar, como uma sombra negra que surge ao sol, a presença dura e áspera do bedel da cidade, de espada ao lado, o bastão do cargo na mão. Esta personagem prefigurava e representava em seu aspecto toda a triste severidade do direito puritânico, que era seu mister executar na sua aplicação última e mais próxima ao delinquente. Estendendo o bastão oficial na sua mão esquerda, pôs a direita sobre o ombro de uma mulher jovem, que assim puxou para diante, até que, no limiar mesmo da porta, ela o repeliu, com um gesto que traía a dignidade e a força do seu carácter e saindo para o ar livre como por sua pró-